

Retorno à selvageria

Return to savagery

La Phalange. In: CONSIDÉRANT, Victor (org.). *La Phalange: journal de la science sociale: politique, industrie, sciences, art et littérature*. Paris, 15 de agosto de 1840, pp. 301-303.¹

Sobre o texto

Esse texto foi publicado no jornal francês La Phalange² de 15 de agosto de 1840. Criado e dirigido pelo socialista Victor Considérant, o jornal tinha como proposta continuar as reflexões do também socialista Charles Fourier, autor da teoria da atração³ em contraposição ao mundo

¹ O texto esteve durante os anos de 2004 e 2005 disponível no site da Bibliothèque Nationale de France (BnF), em: <http://gallica.bnf.fr/>. Atualmente, entretanto, foram selecionados alguns anos do jornal e o arquivo dessa publicação não foi contemplado. Consultar os números disponíveis de *La Phalange* em formato digital em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb328389482/date&rk=21459;2> (consultado em: 10/08/2016).

² CONSIDÉRANT, Victor. (Org.). *La Phalange: journal de la science sociale: politique, industrie, sciences, art et littérature*. Paris, 1836-1849. A periodicidade do jornal mudou ao longo de todo o período de sua publicação até o seu término, em 1849. Primeiramente, era publicada três vezes ao mês (de 1836 a abril de 1837), depois passou a ser mensal (de maio a dezembro de 1837), bimestral (de 1838 a agosto de 1840), três vezes por semana (de setembro de 1840 a 1843) e, novamente, mensal (de 1845 a 1849). Cf. VIEIRA, Priscila Piazzentini. “Foucault e o grupo fourieirista *La Phalange*”. In: *Revista Ecopolítica*, n.14, jan-abr 2016, p.37.

³ Ver FOURIER, Charles. *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales suivi du Nouveau monde amoureux*. In: http://classiques.uqac.ca/classiques/fourier-charles/nouveau_monde_amoureux/fourier_nouveau_monde_amoureux.pdf (consultado em: 10/08/2016). Apesar dessa ligação, Fourier causava discórdias entre os seus próprios discípulos, inclusive Considérant, especialmente com a sua obra *O Novo mundo amoroso*. Sobre esses incômodos, Michelle Perrot afirma: “O radicalismo de Fourier em relação à sexualidade assustou seus discípulos, entre os quais Victor Considérant e seguidoras do sexo feminino como Zoé Gatti de Gamond, que, neste ponto, o expurgaram, recusando-se a publicar sua obra mais revolucionária, *Le nouveau monde amoureux* [O novo mundo amoroso], que só foi editada em 1967, por Simone Debout”. PERROT, Michelle. “A família triunfante”. In: *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Segunda Guerra*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 87.

industrial e às suas péssimas condições de trabalho. Nesse pequeno trecho, os fourieiristas analisam o julgamento de uma criança de 13 anos. Críticos do sistema carcerário francês, eles também problematizaram outras instituições da cultura moderna burguesa, como, por exemplo, a família. O título “Retorno à selvageria” não estabelece a interpretação corrente do período sobre a decadência dos códigos morais da classe trabalhadora. Ao contrário, destaca como a fala e as práticas “selvagens” de uma criança desconstroem muitas das certezas e das naturalidades que guiavam a sociedade disciplinar. Seguindo os ensinamentos de Fourier⁴, a palavra “civilização” não significava o progresso social e não possuía um sentido positivo, mas expressava as condições desiguais e excludentes produzidas pela industrialização capitalista na Europa do século XIX.

A tradução inspira-se na leitura que Michel Foucault fez desse episódio, no último capítulo de Vigiar e Punir: nascimento da prisão⁵, publicado em 1975. Para ele, os fourieristas e, mais tarde, os anarquistas deslocaram as táticas do aparelho penal que tentaram colonizar as ilegalidades populares. A produção da delinquência como um meio passível de organizar o espaço de confusão e de perigo que as ilegalidades integravam não aconteceu sem conflitos. Segundo Foucault: “Erguer a barreira que deveria separar os delinquentes de todas as camadas populares de que saíam e com as quais permaneciam ligados era uma tarefa difícil, principalmente sem dúvida nos meios urbanos. Demorou muito tempo e exigiu obstinação”⁶. Assim, o texto escrito pelos partidários de Fourier é uma das referências fundamentais trazidas por Foucault para destacar as resistências, as lutas e as reações

⁴ Para essa discussão, consultar ALBORNOZ, Suzana Guerra. “Atração passional, trabalho e educação em *O novo mundo industrial e societário* de Charles Fourier”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (USP)*, 2007, vol.10, n.1, p.3. Disponível em: <http://revistas.usp.br/cpst/article/view/25806/27539> (consultado em: 10/08/2016).

⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2005 (30ª Edição), pp.240-242.

⁶ Idem, p.237.

diante desse processo. Ele complementa: “No curso dessa polêmica antipenal, os partidários de Fourier foram sem dúvida mais longe que os outros. Elaboraram, os primeiros talvez, uma teoria política que é ao mesmo tempo uma valorização positiva do crime. Se este é, segundo eles, um efeito da ‘civilização’, é igualmente e pela mesma razão uma arma contra ela. Traz consigo um vigor e um futuro”⁷.

Somente a força pode manter as classes baixas do povo nos limites da ordem civilizada; sem a força, os costumes e os preconceitos sobre os quais ela se apoia, o povo ultrapassaria tais limites, para retornar ao estado social conhecido pelo nome de selvageria.

De fato, em civilização, o povo suporta todos os pesos do trabalho e tem poucos prazeres; é, então, natural que seu instinto o atraia ao estado social que mais se opõe ao estado atual, e que ele procure retornar à selvageria, onde o homem é livre, independente e despreocupado, trabalha somente para as suas necessidades de cada dia e não pelo futuro, pelos padrões, mas para ele mesmo.

Conseqüentemente, ele percebe que foi nas grandes cidades que a Civilização reservou as maiores conquistas e prazeres para as classes superiores e, ao mesmo tempo, mais mobilidade para toda a máquina humana, ele percebe que é justamente onde o povo se encontra mais dominado que se percebe para alguns, entre esse povo, uma maior facilidade para quebrar as armadilhas civilizadas, seja por um ataque direto mais vigoroso do qual falamos antes (roubos, assassinatos), seja por um ataque indireto (má conduta, vagabundagem) que pode se fazer de mil maneiras e a partir do qual estudaremos um exemplo.

Beasse, um jovem delinquente de treze anos, compareceu à polícia

⁷ Idem, p.239.

corretiva sob a acusação de vagabundagem. É, sem dúvida, pela sua vida aventureira e nômade que se deu essa detenção precoce e essa segurança deplorável que é exemplificada no desenrolar do julgamento.

O presidente — O que você fazia na rua, às duas horas da madrugada, quando foi preso? **Beasse** — Eu dormia; a noite não foi feita para dormir?

O presidente — Mas cada um deve-se dormir em sua própria casa.

Beasse — *E eu tenho um em casa?* **O presidente** — O senhor então vive em perpétua vagabundagem.

Beasse — Eu trabalho para ganhar a vida.

O presidente — Qual é a sua profissão? **Beasse** — Minha profissão? Em

primeiro lugar, tenho trinta e seis; mas não trabalho para ninguém. Já faz

algum tempo, estou por minha conta. Tenho minhas ocupações de dia e

de noite. Assim, por exemplo, de dia, distribuo impressos grátis a todos os

passantes; corro atrás das diligências que chegam para carregar os pacotes;

dou o meu show na avenida de Neuilly; de noite, são os espetáculos; vou

abrir as portas, vendo senhas de saída; sou muito ocupado. **O presidente**

— Seria melhor para o senhor estar colocado numa boa casa e lá fazer

o seu aprendizado. **Beasse** — Ah, é sim, uma boa casa, um aprendizado,

é chato. Mas esses burgueses resmungam sempre e eu fico sem a minha

liberdade. **O presidente** — Seu pai não procura pelo senhor? **Beasse** — Não

tenho mais pai. **O presidente** — E sua mãe? **Beasse** — Também não, nem

parentes, nem amigos, livre e independente.

O tribunal condena Beasse a dois anos de detenção em uma casa de correção.

Beasse faz uma careta feia, depois, recobrando o bom humor: “Dois anos! O que é! Nunca é mais que vinte e quatro meses. Vamos embora, vamos indo”.

*(Gazette des tribunaux)*⁸

⁸ *Gazette des tribunaux*, agosto de 1840. Alguns números do jornal estão disponíveis no site da BnF, no endereço seguinte: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32780972v/date&rk=42918;4> (consultado em: 10/08/2016). A publicação citada por *La Phalange*, no entanto, não está disponível na forma digital (N.T.).

A civilização é aqui bem representada e, durante todo o decorrer da cena, o presidente representa a legalidade atuante, as palavras e o espírito da lei, a moral, a religião da civilização.

Deve-se dormir em casa, diz o presidente, porque na verdade, para ele, tudo tem que ter um domicílio, uma moradia esplêndida ou mísera, pouco importa, não é a ele que cabe provê-la, ele é encarregado de forçar a isso todos os indivíduos.

E eu tenho um em casa? responde a criança. A incorreção da linguagem e o tom a partir do qual suas palavras são pronunciadas indicam, primeiramente, uma cisão violenta entre o acusado e a sociedade, que pela posição do presidente se comunica com ele em termos corretos e até mesmo de uma forma afetuosa.

Você vive então em uma perpétua vagabundagem? Qual é a sua profissão? Esta pergunta é a expressão mais simples da ordem que é estabelecida na sociedade; essa vagabundagem repugna e perturba a sociedade; é preciso ter uma profissão, uma profissão estável, contínua, de largo fôlego, ideias que vejam o futuro, ideias de construção do futuro para tranquilizar a sociedade de qualquer ataque; enfim, a última palavra que vai ainda se representar mais abaixo: *para quem o senhor trabalha?* Quer dizer, já que você não é um patrão, tem que ser servidor, não importa em qual condição; o que importa não é a satisfação do indivíduo, mas a ordem a ser mantida.

A esta questão aparece uma das respostas mais fortes: a história dessa criança que tem uma existência que não segue o curso normal e regular da vida. É o trabalho, é a preguiça, a despreocupação, a indisciplina, é tudo, exceto a ordem; fora a variedade das ocupações e a indisciplina, é a vida do selvagem, no dia a dia e sem amanhã.

Seria melhor estar em uma boa casa e fazer seu aprendizado — Não trabalho para nenhuma pessoa, um aprendizado, é chato, o burguês resmunga sempre... e acabo ficando sem liberdade

Essa vida aventureira que ele leva, precária, agrada-o mais que a vida do aprendiz, do bom sujeito. Ele percebe bem que o aprendiz, o operário, é escravo, e que a escravidão é triste. *Sem liberdade*, essa liberdade, essa necessidade de movimento da qual é tomado, ele compreende que não irá mais desfrutá-la na ordem normal na qual ele será mantido e controlado por um freio; ele preza mais a liberdade, mesmo ela sendo desordem, que importa? É a liberdade, quer dizer, o desenvolvimento mais espontâneo da sua individualidade, desenvolvimento selvagem e, conseqüentemente, marcado e brutal, mas desenvolvimento natural e instintivo, antipático à escravidão disfarçada que gostaríamos de impor-lhe.

Não há mais pai, nem mãe, amigos, seja porque a criança foi abandonada ou porque ela tenha se livrado deles, ou os dois juntos, ela não pode mais suportar a escravidão da educação dos pais ou de estranhos.

O tribunal o condena a dois anos de detenção em uma casa de *correção*. De fato, trata-se de corrigi-lo, quer dizer, de guiar as suas paixões⁹, que a educação e o destino ainda não conseguiram mudar e direcionar para o caminho civilizado e que, sem rumo e pelo instinto, acabou por perdê-lo. A casa de correção o transformará, levando-o para uma outra direção; mas ela será melhor?

⁹ Nós destacamos uma declaração sobre o aprendizado de jovens libertários (jornal *La Providence*) a partir das frases seguintes: Entre esses perversos, sem dúvida o maior de nossos inimigos é a paixão da vagabundagem; ela não nos deixa praticamente nenhuma tranquilidade, *pois ela é evidentemente inextinguível*. Por vezes atenuada em algumas crianças, durante um certo tempo, particularmente na estação rigorosa, vemos despertar por uma mínima circunstância, e *infalivelmente pelos primeiros raios do sol da primavera*. Esse inquieto desejo de movimento e de ociosidade parece ser um dos tipos conservados da vida livre do selvagem, e esta condição de existência se encontra de forma idêntica na vida das crianças abandonadas sem rumo, desde os seus primeiros passos aos impulsos de suas vontades abruptas. Vamos nos abster de qualquer reflexão sobre essas frases ingênuas que nos surpreendem, que um raio de sol, surgido no fundo de uma obscura fábrica, desperta nessas crianças uma *mania* hipnotizadora de respirar um ar puro; é preciso constatar que esta *mania* é evidentemente inextinguível; por isso, é preciso... encontrar para ela um meio de satisfação legítimo? – Não, eles respondem, é preciso extingui-la.

No final intervém um terceiro ator, o jornalista ou o público que, de toda essa cena, vê somente um pequeno libertino, que fala mal o francês e, por isso, podemos rir um instante para afastá-lo em seguida com pontapés.

Nós vemos nessa pequena cena uma imagem real da vida civilizada; de um lado essa poderosa sociedade, pulsando diante dela, levando com ela tudo o que a rodeia, esmagando tudo o que resiste a ela, funcionando, funcionando em meio aos escombros e às vítimas para cumprir um destino fatal que ela não toma conta e não se vê obrigada a modificar pela sua própria vontade; e, do outro lado, os indivíduos lutando com todas as suas forças, se encontram neles algum poder, ou curvando-se, se estão muito cansados.

Tradução do francês por Priscila Piazzentini Vieira¹⁰

¹⁰ A presente tradução também contempla a que foi realizada por Raquel Ramallete na edição brasileira de *Vigiar e Punir*, mas somente nos trechos da reportagem de *La Phalange* citados e comentados por Foucault.